

“EU TENHO QUE FAZER TUDO NESSA CASA?”: A INTERSECÇÃO DE GÊNERO, RAÇA E MATERNAGEM NA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM ROCHELLE¹

Tales Gandi Veloso de ANDRADE²

¹ GT 3 - Indústrias Midiáticas

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: ta.talesveloso28@gmail.com.

RESUMO

Introdução

O seriado *Todo Mundo Odeia o Chris* (2005–2009), é uma comédia de situação norte-americana ambientada no Brooklyn, nos anos 1980, que retrata o cotidiano de uma família negra atravessada por desigualdades raciais, econômicas e sociais. Dentre os personagens, destaca-se Rochelle, matriarca da Família Rock, cuja representação mobiliza questões centrais relativas a gênero, raça, classe social, trabalho e maternagem. A série, amplamente consumida no Brasil, constitui um objeto relevante para a análise das representações midiáticas de mulheres negras e de suas experiências interseccionais.

Justificativa

A relevância do estudo reside na escassez de análises acadêmicas que abordem, de forma aprofundada, a representação da maternagem negra em produtos audiovisuais de grande circulação. Em um contexto midiático historicamente marcado por estereótipos racistas e sexistas, investigar a personagem Rochelle permite compreender como a televisão pode, simultaneamente, reproduzir estigmas e evidenciar desigualdades estruturais que atravessam a vida das mulheres negras. Além disso, o forte impacto cultural do seriado no Brasil reforça a pertinência da análise.

Problema e Objetivos de Pesquisa

O artigo busca responder à seguinte questão: de que maneira *Todo Mundo Odeia o Chris* constrói a representação da personagem Rochelle e em que medida essa construção reforça ou problematiza estereótipos associados às mulheres negras? O objetivo geral é analisar a representação interseccional de Rochelle, considerando os marcadores de gênero, raça, classe, trabalho e maternagem. Como objetivos específicos, pretende-se identificar as responsabilidades atribuídas à personagem no espaço doméstico, examinar sua autoridade familiar e discutir os significados sociais associados à maternagem negra.

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na *análise do discurso*, conforme a perspectiva de Rosalind Gill (2002). O marco teórico articula contribuições do feminismo negro, especialmente a partir de autoras como Angela Davis (2016), Kimberlé Crenshaw (1989), Patricia Hill Collins (2020), Sueli Carneiro (2011) e Lélia Gonzales (2020). Metodologicamente, o seriado foi acompanhado do início ao fim; contudo, para uma análise mais aprofundada, selecionaram-se dois episódios da primeira temporada: o episódio *Piloto* e o episódio *Todo Mundo Odeia Funerais*. Os episódios foram transcritos e analisados com o auxílio do software Voyant Tools, permitindo a identificação de recorrências discursivas e temáticas relacionadas à personagem Rochelle.

Discussão Preliminar e Resultados Esperados

A partir da análise dos episódios e do referencial teórico mobilizado, observa-se que a *representação* da personagem Rochelle reproduz, em grande medida, estereótipos historicamente atribuídos às mulheres negras na mídia televisiva, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. Essas mulheres são frequentemente retratadas como fortes, “duronas” e, por vezes, agressivas. Rochelle, de fato, tensiona o ideal branco de feminilidade: recusa-se a ser vista como frágil ou submissa e, ao contrário, ocupa uma posição de autoridade no interior da família. Entretanto, ao longo da narrativa, a imagem de dureza e mau humor da personagem vai se tornando compreensível. Como mãe e esposa, Rochelle concentra sobre si a responsabilidade do trabalho doméstico, cuidado com os filhos e mediação dos conflitos familiares; como trabalhadora, contribui para o sustento da casa; e, sobretudo, como mulher negra, encontra-se submetida a múltiplas formas de opressão social, sendo atravessada simultaneamente pelo racismo, pelo sexismo e pela vulnerabilidade econômica. Além disso, sua maternagem é marcada pela constante preocupação com a educação e o futuro dos filhos, bem como com a necessidade de protegê-los da violência urbana, da criminalidade e da gravidez precoce, evidenciando especificidades da experiência materna negra. Mas em um dos episódios analisados a “armadura” construída pela personagem é desmontada, permitindo, finalmente, a sua humanização: Rochelle se mostra fragilizada, oprimida e sobrecarregada pelas exigências de ser dona de casa e principal encarregada pela resolução dos problemas familiares. Desse modo, argumenta-se que a série constrói uma representação ambígua da personagem: ao mesmo tempo em que reproduz estigmas, também oferece elementos de crítica às desigualdades sociais que estruturam a vivência interseccional das mulheres negras, contribuindo para uma leitura mais complexa e reflexiva de Rochelle.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, 1989.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

GILL, Rosalind. Análise de discurso. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2020.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.